

LUIZ FELIPPE MAGALHÃES, O MARINHEIRO COMPOSITOR

ESTANISLAU FAÇANHA SOBRINHO
Vice-Almirante (IM-Ref^o)

LUIZ EDMUNDO BRÍGIDO BITTENCOURT
Vice-Almirante (Ref^o)

LUIZ FELIPPE MENEZES DE MAGALHÃES

Pelo Vice-Almirante (IM-Ref^o) Estanislau Façanha Sobrinho

Quando entrei para a Escola Naval, em 12 de março de 1941, logo conheci o simpático e gozador primeiro anista do Corpo da Armada Luiz Felipe Menezes de Magalhães – o Felipe.

Não era trotista, mas se fazia logo conhecido pelo seu gênio alegre e espirituoso.

Felippe entrou para a Escola Naval em 1938, mas, por circunstâncias várias, caiu de turma duas vezes, de forma que fui encontrá-lo na turma acima da minha.

Perdeu, pela segunda vez, a turma, decorrente da sua transferência para a Escola de Aeronáutica. Apesar de ter saído *lachê*, teve problemas com a acrobacia (menos por parte dele, mais pela própria Escola de Aeronáutica) e então retornou à sua casa de Villegagnon, tendo, entretanto, de perder mais um ano.

Quando se transferiu para a Escola de Aeronáutica, a gozação da turma não o poupou, pois pouco antes havia composto uma música onde constava os seguintes versos:

“eu quero, eu quero ser
naval até morrer!”

Retornando à nossa Escola, continuou sua vida normal de aspirante sempre alegre e gozador.

Mas, foi durante as competições da Taça Lage (ver boxe na página seguinte) com a Escola Militar que mais de perto pude apreciar as virtudes humorísticas do Felipe.

A guerra de torcida era extremamente movimentada com exibição de cartazes gozativos e intensa troca de pilhérias. No meio de nossa torcida no Estádio do Fluminense, havia um local onde era instalado o nosso quartel-general. Ali, Felipe,

assessorado, ou melhor, ajudado pelo Aspirante Lywall Salles, também humorista e poeta, e outros que me fogem à memória, preparava seus torpedos contra a torcida da Militar. E nisso éramos imbatíveis. Perdíamos no atletismo, pois eram cerca de 300 aspirantes contra 900 ou mais cadetes. Felipe e sua equipe não davam colher-de-chá aos cadetes.

Além disso, Felipe era compositor e dos bons. Vários foram os hinos e as canções por ele compostos, além de letra para dobrados, letras estas de grande vibração patriótica. De sua autoria, o hino da Escola Naval, da Escola de Aeronáutica e o prefixo do programa que comandava, *Viva a Marinha*.

A Taça Lage

A Taça Lage era uma competição esportiva anual disputada entre as Escolas Militar e Naval nas modalidades atletismo, basquetebol e pólo-aquático, entre os anos de 1938 e 1942.

Teve início com uma carta do notável empresário brasileiro, proprietário dos estaleiros da Ilha do Viana, das companhias de navegação Costeira (dos famosos *ITAS*) e Lloyd Nacional (dos também famosos *ARAs*), Sr. Henrique Lage ao Comandante da Escola Militar:

"Rio de Janeiro, 22 de junho de 1938.

Exmº Sr. General Mário José Pinto Guedes,
D. D. comandante da Escola Militar.

Cordiais saudações.

"Levado pela especial simpatia que sempre me mereceu o garboso Corpo de Cadetes e com a intenção de estimular o espírito de tenacidade dos jovens e o amor à luta para a vitória, tomei a liberdade de oferecer uma "Taça", para constituir prêmio aos vencedores de jogos anuais de "foot-ball", realizados por Cadetes ou entre Cadetes e alunos da Escola Naval, nas condições que forem estabelecidas por V. Excia.

Esperando que V. Excia. se digne de aprovar esse meu ato, rogo a V. Excia. a gentileza de dar ciência ao D. Corpo de Cadetes a que tenho a honra de me considerar integrado.

Reitero a V. Excia. a segurança da minha alta consideração e particular estima, e de subscrever-me, de V. Excia. Amigo Grato - (a) Henrique Lage".

Não há, até hoje, uma só cerimônia na Escola Naval onde não seja ouvida ou cantada algumas de suas composições.

Sendo eu vibrador em hinos e canções patrióticas, Felipe deixou em mim muito marcada a sua lembrança. Por essa razão, há tempos, escrevi um artigo em sua homenagem intitulado "Luiz Felipe, um aspirante muito especial", que foi publicado no jornal *Letras em Marcha*, e creio que também na *Galera*. Essa mesma revista, já em 1942, na sua seção "Focalizando", entrevistava o poeta e músico.

Por toda essa poesia e amor, sinto o espírito de Luiz Felipe sempre pairando sobre Villegagnon nos dias de festas, envolvendo com suas músicas os sonhos da mocidade naval.

Felipe se afastou relativamente cedo da carreira, mas deixou nos muros de Villegagnon a vibração sentimental e patriótica de suas músicas, que ali ecoarão pela eternidade.

Este é o homem visto por seu colega contemporâneo da Escola Naval, que sempre admirou e vibrou com suas músicas e canções.

Luiz Felipe nasceu a 10 de outubro de 1920 no antigo Distrito Federal, sendo filho de Honório Pinto Pereira de Magalhães Junior e de D. Alzira Rosa Menezes de Magalhães.

Foram quatro irmãos, todos ingressaram na Escola Naval:

- Honório Pinto Pereira de Magalhães Neto, já falecido. Com a criação do Ministério da Aeronáutica, para lá se transferiu, tendo atingido o cargo de Ministro do Superior Tribunal Militar;

A minha amada mãe
oferece o

Luiz Felipe



Reprodução de fotografia do livro *Viva a Marinha*, que Luiz Felipe Menezes de Magalhães ofereceu à sua mãe (cortesia da família)

– Gualter Maria Menezes de Magalhães, Almirante-de-Esquadra reformado. Atingiu a chefia do Estado-Maior da Armada;

– Luiz Felipe Menezes de Magalhães, nosso homenageado, chegou na ativa ao posto de Capitão-de-Fragata; e

– Hélio Gerson Menezes de Magalhães, da turma da Escola Naval de 1942. Meu

calouro, já falecido. Atingiu, na ativa, o posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra.

Felippe teve praça de aspirante em 31 de março de 1938.

Daf em diante, seu acesso na carreira foi o seguinte: Guarda-Marinha em 6 de janeiro de 1944; Segundo-Tenente em 11 de agosto de 1944; Primeiro-Tenente em 27 de agosto de 1945 (graduação) e 5 de setembro de 1946 (promoção); Capitão-Tenente em 21 de maio de 1951 (graduação) e 21 de maio de 1951 (promoção); Capitão-de-Corveta em 22 de setembro de 1954 (graduação) e 1^a de fevereiro de 1955 (promoção); Capitão-de-Fragata em 23 de dezembro de 1960 e Capitão-de-Mar-e-Guerra 12 de março de 1965, sendo, na mesma data, reformado no posto de Contra-Almirante, vindo a falecer em 26 de maio de 1972.

No tempo em que serviu na Diretoria do Pessoal da Marinha, Felipe dirigiu um programa na Rádio Nacional chamado “Viva a

Marinha”, que tinha enorme audiência em proveito da divulgação da Marinha*.

Vejamos um pouco mais de sua carreira. Como guarda-marinha, embarcou na recém-construída



Corveta *Henrique Dias*, irmã das *Matias de Albuquerque* e *Vidal de Negreiros*

Corveta *Matias de Albuquerque*, incorporada à Força Naval do Sul, em operações de guerra, fazendo parte da escolta de sete comboios. A seguir, embarcou na Corveta irmã *Vidal de Negreiros* (me-

dos de 1944 até meados de 1945), quando escoltou 11 comboios, ainda nos mares do sul. Enquanto no sul, com base no Rio de Janeiro, aportou em Santos, Florianópolis, São Francisco do Sul, Anhatomirim, tendo chegado, entretanto, a Vitória, Porto Seguro, Caravelas e Salvador.

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, passou para o Navio-Tender *Belmonte* (de setembro de 1945 a setembro de 1946), sediado em Recife, onde era o navio capitânia da Força Naval do Nordeste. Trouxe-o de volta ao Rio de Janeiro no retorno geral da Esquadra. Em seguida, serviu no Cruzador *Rio Grande do Sul* até julho de 1949, quando cursou máquinas. Após cursado, serviu na Base Almirante Castro e Silva (de dezembro de 1950 a junho de 1951), de onde embarcou, durante dois meses, no Contratorpedeiro *Amazonas*, nos irmãos *Araguaia* (de 26 de junho de 1952 a 16 de dezembro do mesmo ano) e *Apa* (até julho de 1953). Após passar pela Diretoria do Pessoal (de 10 de

*N.R.: A Rádio Nacional era a emissora radiofônica de maior potência transmissora, a de maior prestígio, a de maior audiência na época.

julho de 1953 até janeiro de 1954), voltou aos seus classe A, dessa vez no *Acre*, de 12 de janeiro de 1954 a junho de 1956, quando embarcou em viagem de instrução de guarda-marinha no Navio-Escola *Duque de Caxias* até março de 1957, quando desembarcou para a Diretoria do Pessoal.

Na sua carreira foi condecorado com as seguintes medalhas: Serviços de Guerra com duas estrelas; Serviço Militar com pas-sadeira de prata; Força Naval do Nordeste; Força Naval do Sul; Comemorativa do Centenário do Nascimento de Rui Barbo-sa.

FELIPPE, O JOVEM, O MÚSICO

Por Luiz Edmundo Brígido Bittencourt (Vice-Almirante Ref^o)

Embora não tenha convivido com Felipe, pelo que eu ouvi falar e vi escrito e principalmente pelas suas harmonias criadas em pura inspiração, que tanto emocionam a mim e a todos que as ouve, sou seu admirador.

Na Escola Naval, já se fazia notar entre seus colegas recebendo deles a distinção de figurar na seção "Focalizando" da revista do Corpo de Aspirante, *A Galera*, na sua edição de 1942, cuja entrevista transcrevemos a seguir:

A GALERA

"FOCALIZANDO

Reportagem de Lywall Salles – Especial para *A Galera*

Há qualquer afinidade entre a arte e a vida marinheira: ambas exigem sentimentos. Bernardin de St. Pierre, Claude Ferrère, Pierre Loti eram oficiais de Marinha e tiveram seus nomes nas lombadas dos grandes livros da literatura francesa. Virgílio Várzea ingressou na Escola Naval e foi depois um dos nossos prosadores de mérito. Não precisamos ir tão longe: Gastão Penalva, Frederico Villar, Prado Maia e outros são oficiais de Marinha e conhecidos intelectuais. Há na verdade qualquer coisa de comum entre a arte e a vida marinheira. Em nossa própria Escola temos um exem-

plo: Luiz Felipe de Magalhães será oficial de Marinha e já é poeta. A sua poesia vai além "dessa ilha pequenina, dessa pérola tão rara"... Todos os que já tiveram em suas mãos um exemplar de *A Galera*, o conhecem e todos os que foram a alguma representação esportiva da Escola já ouviram os seus hinos.

Sem dúvida alguma, seria interessante saber algo a seu respeito, muita coisa de sua poesia e um milhão de coisas de seus amores. *A Galera* resolveu então entrevistar Luiz Felipe de Magalhães e, como para o pessoal de cá, sou entendido em assuntos artísticos, fui designado para essa entrevista.

O meu encontro com Luiz Felipe não se deu em algum camarote, nem tampouco em qualquer parte de Villegagnon; não; resolvi ir à sua residência e lá rebuscar os seus poemas". Às onze e meia da noite, entre vários cadernos de poesias, jornais e *Galeras* antigas, iniciamos a nossa palestra:

– Desde quando você é poeta?

Felipe olhou para o teto, soltou uma baforada do cigarro, e respondeu:

– Não posso dizer ao certo quando me tornei poeta, porque ainda hoje não me considero tal. A pergunta deveria ter sido outra: Quando começou a rabiscar palavras rimadas? A esta, sim, responderia: Aos sete anos de idade com uma poesia que apenas

me recordo ter sido oferecida a minha mãe, por motivo de seu aniversário.

– Felipe, você deve ter um gênero de poesia de sua preferência. Poderia dizer-me qual é o seu gosto?

– O gênero dramático, muito embora, por força de circunstâncias, só publique poesias que me esforço por tornar humorísticas.

– Por força de circunstâncias. O que quer você dizer com isso?

Ele sorriu e disse:

– Sim, porque, via de regra, são mal julgados os poetas do gênero que prefiro.

Nesse momento um crioulinho nos traz copos d'água. Reiniciamos então o trabalho contando quantas poesias publicadas.

– Aproximadamente 25, na *A Galera*; na *Esquadriha*, revista da Escola de Aeronáutica, 5, levando em conta o hino que lá deixei; na *Gazeta Carioca*, 30; na *Cidade Maravilhosa* e no *Correio Universal*, 3.

Remexíamos aquela papelada toda, quando vi um jornal esquisito: *Jornal da Prefeitura de Andrelândia*.

– O que é isso, Felipe? Vai me dizer que aí também há poesia sua?

– Sim. É um jornal do sul de Minas Gerais que transcreveu uma poesia minha, assim como a *Revista da Semana do Pará*, que também já o fez.

– Essas são as que você já publicou. E quantas tem por publicar?

– Apenas cinco cadernos de oitenta páginas, disse, apontando para uma pilha



Luiz Felipe, aspirante da Escola Naval

deles. Um é dedicado à Marinha. Espero algum dia transformá-lo em livro, se encontrar algum editor distraído.

Felipe de Magalhães é, na verdade, um talento. Suas poesias atingem a um e outro pólo; humorísticas e dramáticas; místicas e pagãs; sentimentais e sarcásticas; tudo

se encontra na sua poesia. A sua musa é mesmo como ele diz: *Musa Cocktail*.

*A minha musa é fraca e até raquítica
Água salgada junto de Analítica
Mecânica aplicada à poesia
A minha musa é louca e pensativa
Tem poeiras de fera – Descritiva
E também sabe a muita Infantaria.*

– Os estudos na Escola são puxadíssimos e como tem você tempo de produzir tanto?

– Aí está um ponto que eu quero esclarecer: A poesia toda que eu publico é feita no período de férias e, além do mais, conforme eu já disse, possuo cinco cadernos de oitenta páginas cada um. A minha porcentagem de publicação é de 10%.

– Já escreveu, porventura, em prosa?

– Alguns romances que não ousou publicar, como por exemplo *A flor do sepulcro*, em que trato da vida de um homem que só se preocupa com a morte: um agente funerário.

Popvsk, como o chamávamos na viagem do *D. Pedro I*, não é só poeta: a bordo, quando se organizavam Horas de Arte, lá

estava ele, com sua contribuição imprescindível de poesias humorísticas, e ainda mais, com paródias musicais, hinos e canções de sua autoria. Na viagem do *D. Pedro I*, é lembrado o "Alô, alô Villegagnon", marcha graciosa e delicada, que canta a beleza dessa "ilha ideal onde se engasta a Escola Naval".

A sua música, ele próprio me disse, é de um caráter todo especial, porquanto é feita apenas pelo assobio; e foi assobiando que ele nos deu um hino e u'a marcha além de um hino e u'a marcha para a Escola de Aeronáutica.

Felippe é artista e poeta, acima de tudo poeta.

– Meu velho, disse-me ele, todo marinho é amante do belo. O homem que dedica sua vida à profissão marinha tem alma de artista, não há que negar. A arte em geral guarda uma estreita relação com a Marinha, haja vista que no Curso Prévio existe a Arte Naval...

Quando Felipe nos deixou por algum tempo, ficamos desatinados. Como iria ser na "Taça Lage"? Quem faria as letras dos dobrados? Quem sustentaria a torcida no duelo de *water-polo*? É verdade que nos safamos otimamente bem, pois o marinheiro nunca se aperta; mas, se ele aqui estivesse, não precisaríamos preocupar-nos tanto.

Todos nós sabemos o valor do Felipe numa torcida. Ninguém ignora que chegávamos a ele, pedindo um dobrado e

uma torcida e, não raro, fazia, na mesma hora, em cima da perna. Quem não se lembra daquele dobrado "Leões contra Lobos do mar"? Foi dele esse título feliz que fez tanto sucesso e que perdura até hoje.

– Como "bolou" você essa feliz idéia de melhorar a torcida da "Taça Lage" chamando aos cadetes leões e a nós lobos do mar?

– Facilmente: Na "Taça Lage" do ano anterior os Cadetes, finda a mesma, rugiam de contentemente; ora, quem ruge é leão. Quanto a lobos do mar a coisa é antiga.

– Alegres recordações, se bem que tenha passado maus momentos em virtude do escasso tempo para improvisões das respostas; porquanto a situação era assaz desfavorável, tendo em mente que foram eles os atacantes e é coisa sabida de todos: A melhor defesa é o ataque.

Felippe foi embora por algum tempo. A Escola Naval era, no entretanto a sua querida, e a ela dedicou esse poema:

*Adeus! Escola querida!
Escola de minha vida
Meu sonho de mocidade!
Adeus! Escola sorriso!
Pedaço de paraíso
Adeus! Escola saudade!!!*



A final disputadíssima da Taça Lage de 1941 realizada no estádio do Fluminense Football Club, na cidade do Rio de Janeiro

Não é só à Escola; aos seus colegas também ele dedica uma camaradagem franca do seu sentimento. Por ocasião da morte de colega, "o inesquecível Zilmar", como ele dedicou um dos seus

mais belos sonetos, "Chorai comigo", podemos sentir toda sensibilidade da alma poética de Felipe. Eis o trecho final:

*Chorai comigo, ó santos que me ouvís,
eu suplico, fazei-o bem feliz
Ele o merece mais do que ninguém*

– *Padre Nosso dos Céus! Chorai comigo*

*Recebei, vô-lo peço, o nosso amigo,
Dai-lhe, meu Deus, descanso eterno.
Amem.*

O seu sentimento, já disse acima, varia de um pólo ao outro. Em se falando de pequenas, o poeta então derrama as rimas, à maneira da inspiração, e o seu talento brilha ou ofusca por causa delas.

Felipe, ao ser interrogado sobre o assunto, franziu a testa, rabiscou uma classificação, amassou o papel e preferiu falar em vez de escrever:

– Já que estamos no ambiente de Escola, onde a matemática é o alicerce de todo o curso, posso classificá-las do seguinte modo:

Geometricamente falando, as mulheres se dividem em: curvilíneas e retilíneas. Demonstrações: Cinelândia.

Mecanicamente falando, podemos agrupá-las, de acordo com o movimento das massas, em: racionais e aplicadas (estas as professorinhas do Instituto de Educação).

Astronomia, também dividimo-las em: estrelas, mulheres de Cinema; e lunáticas, mulheres que julgam ser estrelas.

Quanto à **Navegação**, elas se dividem em: magnéticas – mulheres que atraem; antimagnéticas ou giroscópicas – mulheres que espantam.

E por finalmente, **Balisticamente** falando: mulheres de alma limpa e mulheres-canhão propriamente ditas.

– Puxa, Felipe! Depois dessa classificação enciclopédica, que pensa você do amor?

– Amor? Permita-me responder assim:

*A mulher é um ser divino,
O coração feminino
É escrínio de alto valor;
Um relicário sagrado
No qual se encontra engastado
O diamante do amor.*

– Ah! Se eu fosse Amélia, Felipe, já estava caidinha por você.

Olhei o relógio e dei um salto.

– Duas e meia, Felipe, acho bom pararmos com a conversa, senão acabo saindo daqui poeta. Até amanhã e obrigado.

– Até amanhã, não. Até logo.

* * *

Após a Segunda Guerra Mundial e embarque em quase todos contratorpedeiros da Classe A, Felipe (não sei como podia conciliar as obrigações) acumulou o marinha com o artista. Como artista, comandou durante alguns anos um programa de grande sucesso – "Viva a Marinha" – transmitido pela Rádio Nacional, em horário nobre, onde mesclava pura diversão de sua autoria com notícias e reportagens que engrandeciam a Marinha. Penso que foi o nosso melhor Relações Públicas até hoje!

Além de programas de rádio, Felipe também transitou no teatro revista, tendo escrito várias peças, inclusive para ser estreladas por Virgínia Lane! (digamos, a Madona da época).

Alguns trechos da peça *Rodando pelo Mundo*, de autoria de Oswaldo Bandeira e Luiz Felipe, para a boate *Night and Day*, constitui o Anexo A.

Criou outras peças, tal como *É fogo na canela*, de parceria com Boileux Sobrinho, na qual vários quadros são de sua exclusiva autoria, tais como: *Primeiro Filho*, *Sei*

que é bom (paródia com a música de *C'end si bom* – grande sucesso da época), *Toureiro*, *Rio-Rei*, *Romeu e Julieta Século Vinte*, *A Gaiata do Quartel*, *Lapa*, *Pais da Confusão* (uma sátira política com Adhemar de Barros, Jânio Quadros e Juscelino como personagens – várias paródias), *Paris*, *Creado Malaquias* (um esquete), *Aquele não paga nada?* e *Que assalto!*

Com tanta atividade artística, Felipe não poderia deixar de pertencer à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) e à União Brasileira de Compositores (UBC).

Em 1952, foi publicado o livro *Viva a Marinha*, do editor Fernando Barreto; um exemplar encontra-se na Biblioteca da Marinha.

Dentre os hinos, destacamos *Sentinelas dos Mares* – hino da Escola Naval, *Bandeirantes do ar* – hino da Escola de Aeronáutica, e *Viva a Marinha*, *Soldado da liberdade*, *Operários da Pátria* e muitos outros. Assim ele se expressou em *O teu sorriso*:

*O teu sorriso é o mais sublime encanto,
Que Deus, tão sábio, pôs em nosso mundo..
Redime o sofrimento, a dor, o pranto...
E nos causa alegria, amor profundo.*

*O teu sorriso é um símbolo fulgente,
De luz, inspiração, encantamento,*



Capa do livro *Viva a Marinha*

chamado *Viva a Marinha*; *O fuzileiro falou* com 17 versos; e outro, *Se ainda não estou louco, caminho para isso*, com 15 versos, além de *Comparações*, *Navegação amorosa*, *Segunda época*, *Triste catraia*, *Sem, 14 de abril*, *Retirada da Laguna* e *Brasil querido*.

O livro relaciona as produções de Luiz Felipe: hinos, programas de rádio, espetáculos teatrais, canções, e tudo isso “nada sabendo de música; compõe batendo numa mesa cantando a melodia que lhe surge da alma”.

A primeira parte do livro é denominada *Viva a Marinha*, a segunda *Hinos e Canções* e a terceira *Loucuras e Fantasias*.

Na primeira parte, encontramos três grandes e belíssimos poemas: um de 54 estrofes,

*É tudo o que há de belo, de inocente,
Aurora de um amor, deslumbramento.*

*O teu sorriso é o bálsamo divino,
Que o Senhor ofertou ao meu destino,
Por tua boca linda e apetecida.*

*O teu sorriso é um sonho de ventura,
Um poema de amor e de ternura,
O teu sorriso, enfim, é minha vida!*

E temos também *Matemática do amor*:

*Uma "série" de amores eu já tive,
Em "proporções crescente e definida",
Porém, cheguei a um "termo", o último vive,
E, "a razão" deste amor, és tú querida.*

*Meus prazeres se vão "multiplicando",
E o "círculo" do amor mais inda aperta.
Somos felizes, sim, mas até quando?
Eis o "problema" que este amor desperta.*

*Somos nós dois os "dados da questão",
E, por fim, resolvendo esta "equação",
De tão feliz reprimo, a custo, um grito.*

*Traçando o nosso "gráfico" amoroso,
muito mais eu me sinto venturoso,
- Querida, a "solução" foi o "infinito".*

E dos hinos, todos conhecemos o da Escola Naval, o *Sentinela dos Mares*:

*A Escola Naval Brasileira
Prepara a mocidade para a luta no mar!
Somos todos defensores da bandeira
Nos mastros da vitória a tremular!
Nossa vida na paz ou na guerra
É sempre navegando pelos mares de anil!
Para a glória e pela honra desta terra
Lutaremos com denodo varonil!*

*Nós somos os Sentinelas dos Mares
Do Glorioso Brasil!*

(Estribilho)

*Marinheiros! Avante!
Marinheiros, "Rumo ao Mar!"
"Tudo pela Pátria!"
Avante a navegar!
Marinheiros! Avante!
Vencer ou então Morrer!
"O Brasil espera que cada um
[cumpra o seu dever]!"*

*São as águas azuis nossos lares,
O campo de batalha da Esquadra em ação!
Somos livres, para sempre, sobre os mares
À força do direito ou do canhão!
Riachuelo que foi no passado
A prova de bravura e de coragem viril!
Paira sempre como símbolo sagrado,
Dentro d'alma do marujo varonil!
Nós somos os Sentinelas dos Mares
Do glorioso Brasil!*

* * *

E também *Viva a Marinha*, tido como abertura de seu programa na Rádio Nacional:

*Ouve-se ao longe o andar cadenciado
Soam clarins da banda militar
E ao ritmo de marcha compassada
Surgem os homens do mar*

*A farda de um doirado reluzente
Encobre o largo peito varonil
E o povo aplaude aquela gente
Orgulho do Brasil*

*É no mar ou na terra
Brilha sempre a Marinha de Guerra
Eia avante marinheiros,
Operários, Fuzileiros,
Um brado levantemos
À nossa rainha*

Hip, hip, hip, rá
Viva a Marinha

É sempre forte, audaz e corajoso
Todo naval a farda sabe honrar
Em tudo que produz é valoroso
Ele nasceu para o mar
Soldado deste solo brasileiro
Marujo por vontade e por dever
O naval procura ser o primeiro
Lutando por vencer

É no mar ou na terra
Brilha sempre a Marinha de Guerra
Eia avante marinheiros
Operários, Fuzileiros,
Um brado levantemos
À nossa rainha
Hip! hip! hip! rá!
Viva a Marinha.

AS CITAÇÕES E FRASES PREFERIDAS DE LUIZ FELIPPE

Felippe também registrava pensamentos filosóficos manuscritos a tinta em um caderninho de 10 por 8 centímetros. Uns são de sua autoria e outros de autores famosos. Alguns deles ilustrarão esta *Revista Marítima Brasileira* e outros poderão ser lidos abaixo.

Com certeza, eles refletem a alma do nosso homenageado.

“A mulher pelo amor é uma rainha; não sejas seu escravo. A mulher pelo prazer é uma escrava; sê seu senhor” (V. Villa)

“O homem que ama é um conquistador vencido pela conquista” (V. Villa)

“O amor é egoísmo a dois”. (Forel)

“Nunca estão só aqueles que estão acompanhados por nobres pensamentos”. (Sidney)

“Todas as coisas excelentes são raras e difíceis”. (Spinoza)

“Nada de grande no mundo foi realizado sem paixão”. (Hegel)

“Os vivos são sempre, cada vez mais, governados pelos mortos” (A. Comte)

“Um homem superior cancela uma amizade com a mesma correção com que a estabeleceu”. (Confúncio)

“Qual é o homem inútil? O que não sabe nem mandar nem obedece”. (Goethe)

“Para que o homem possa realizar tudo o que se exige dele é preciso que ele se acredite mais do que é”. (Goethe)

“Para compor uma obra dramática é preciso gênio. O sentimento deve dominar no fim, a razão no meio, o discernimento no começo e todo o conjunto deve ser apresentado por uma viva e clara imaginação”. (Goethe)

* * *

Nas comemorações do cinquentenário de sua turma na Escola Naval, seu ex-chefe de classe, hoje Vice-Almirante (EN) (Ref.), José Carlos Coelho de Souza, escreveu, na *Revista do Clube Naval* nº 292, do 2º trimestre de 1944, um artigo de saudade, lembrando passagens que aconteceram com a sua turma nesses anos todos, principalmente no passado distante.

E, como não poderia deixar de acontecer, Felipe é citado em largos trechos que reproduzimos abaixo.

A TURMA DE GUARDAS-MARINHA DE JANEIRO DE 1944 LUIZ FELIPPE E SUA DUPLA COM DYLO

(Trechos da crônica *A Turma de Guardas-Marinha de janeiro de 44* publicada pela *Revista do Clube Naval*) de autoria do Vice-Almirante (EN-Ref^o) José Carlos Coelho de Souza).

O título acima, um tanto complicado, precisou ser assim mesmo. Isso porque realmente recebemos nossas espadas em janeiro de 1944. Tal entrega não se deu no dia 13 de dezembro, como sempre é feito – e no nosso caso deveria ter sido em 13 de dezembro de 1944 –, porque a nossa foi uma turma formada no período da Segunda Guerra Mundial. Nosso curso, que era para ser de cinco anos quando entramos em 1940, foi encurtado de um ano porque a Marinha precisava urgentemente de oficiais para servir na Guerra.

.....
.....
Um grande acontecimento que o Almirante Lemos Bastos produziu nesse nosso começo de vida naval foi a viagem de instrução pela costa do Brasil, que ele organizou muito bem, a bordo do navio de passageiros, do Lloyd, *Pedro I*. Um tanto previsivelmente, a princípio não nos entusiasmos muito com a idéia de sacrificar 60 dias de férias de fim de ano embarcados num navio, mas não havia o que discutir. Ele fretou o velho *Pedroca* e fez toda a Escola embarcar. Cantávamos a letra que o Felipe adaptou a um samba em moda: “O vapor *Pedro I* leva mais um marinheiro, sou eu que vou navegar”.

.....
.....
.....
Nosso tempo de calouros na Escola foi marcado por uma grande tragédia naval: foi na disputa da Taça Lage (Taça Lage e



Turma de aspirantes em viagem de instrução a bordo do Navio-Escola *D. Pedro II*. Luiz Felipe é 5º eq./dir., da fileira mais do alto (?) (Arquivo da família)

não Copa Lage, notem; por que Copa do Mundo e não Taça do Mundo? O português não é mais bonito que o espanhol?). Essa era uma competição disputada anualmente entre a Escola Naval e a Escola Militar (esta, então no Realengo, denominava-se modestamente Escola e não Academia). Eram três encontros: basquete (que eu, paulista, ainda chamava de bola-ao-cesto), water-pólo (idem, idem, pólo-aquático) e atletismo. A escola que vencesse dois deles ganhava a Taça. Quando chegamos à Escola, essa disputa já tinha três anos* e uma certa tendência se tinha estabelecido: os aspirantes, homens de água, venciam o

jogo de water-pólo; aliás nunca nenhum time de water-pólo da Liga de Esportes da Marinha perdeu uma partida. Os cadetes, homens de terra, venciam o atletismo. O desempatador (hoje dizem *tie-break*) era o jogo de basquete.

.....
.....
.....

A Taça Lage revelou para nós o talento do Lywal, que fez cartazes impagáveis gozando os cadetes, e o do Felipe – na época fazendo parte da turma acima da nossa –, que punha letras altissonantes e condozeiras nos dobrados que ouvíamos, aliás

* NR.: Pela pesquisa da Escola Naval junto às antigas *Galeras*, feita a pedido da RMB, as competições da Taça Lage iniciaram sua disputa em 1940 por três anos; entretanto, o autor (Almirante Coelho de Souza) dá para início das disputas 1938, ano da carta do Sr. Henrique Lage. A RMB gostaria de receber esclarecimentos a respeito.

sem muita paciência, nas intermináveis paradas escolares das nove horas.

O Felipe, por falar nele, foi um caso muito à parte. Quando, em 1941, foi criado o Ministério da Aeronáutica, foi dada a oportunidade aos então aspirante e cadetes que tinham entrado nas respectivas escolas almejando a aviação de se transferirem para a recém-criada Escola de Aeronáutica no Campo dos Afonsos. Lá ele passou boa parte do ano de 41, mas não se deu bem na pilotagem e teve que voltar para a Escola Naval. Os rigores dos regulamentos navais não permitiram que ele continuasse na sua turma, que era acima da nossa, como disse acima, e ele caiu para a nossa. Junto com o Dylo, que tinha passado pelo mesmos dissabor.

Perda para a Força Aérea e ganho para a Marinha, ou melhor, para a nossa turma. Antes, porém, na sua curta passagem pelos Afonsos, o Felipe compôs para eles o *Hino da Escola de Aeronáutica*, música e letra. Música cheia de clarinadas e letra heróica que só ele tinha a capacidade de fazer. Como o *Hino da Escola Naval*, que ele compôs depois que voltou, cantado até hoje, com todas as clarinadas e bravuras verbais – “somos todos defensores da bandeira...” “marinheiros rumo ao Mar...”

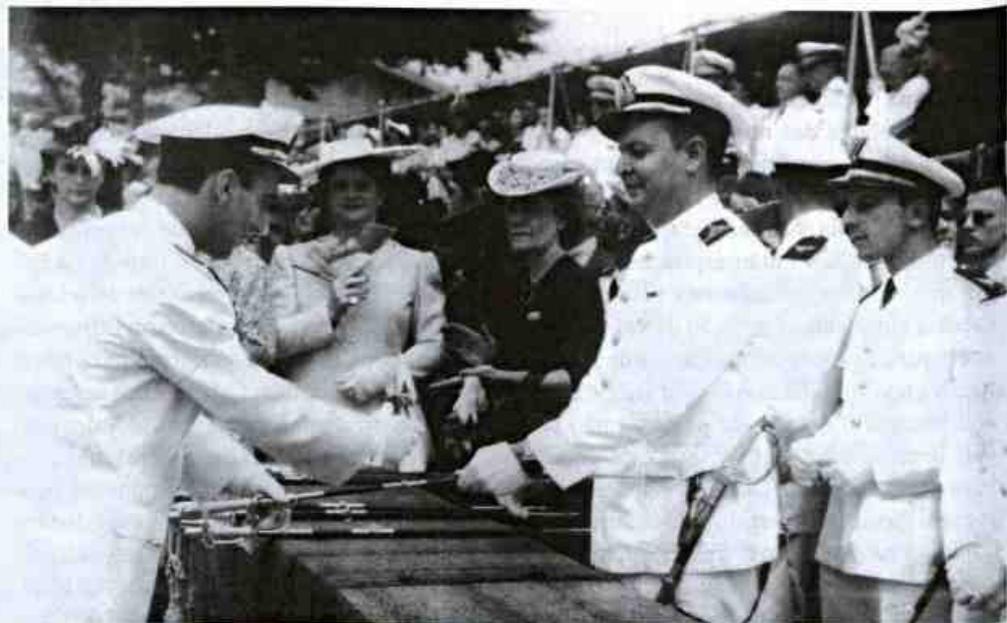
Mas o Felipe e o Dylo, talvez reunidos pela adversidade comum, formaram uma dupla muito especial. Naquele tempo, foi lançado um livro que se tornou um tremendo *best-seller*: “Como fazer amigos e influenciar pessoas”, de Dale Carnegie. Eles se encantaram com as técnicas sutis de encantar e persuadir gente. Estudaram o livro com muito mais aplicação do que a que dedicavam às apostilas da Escola, sublinhando e memorizando e verdadeiramente encarnando as idéias essenciais. Fizeram do livro o uso a que ele realmente se destinava – um manual de “cantadas”. No bom sentido, é claro... Os dois, então, virtual-

mente se escaram como equipe de “cantada” da turma. Este talento foi exercido muitas vezes e teve seu maior triunfo no episódio que passo a contar.

Um dos sofrimentos que o regime de internato impunha a todo o mundo na Escola era o de não se poder falar ao telefone: não havia nenhum telefone disponível para os aspirantes falarem para terra, para as namoradas. Quando nossa turma chegou ao último ano, o Osório, talentoso físico experimental, descobriu duas caixas telefônicas que estrategicamente ficavam colocadas lado a lado, a uma distância menor que meio metro. Uma delas tinha os terminais do telefone externo (dizíamos – telefone da Light) da sala do Chefe do Departamento Escolar e a outra tinha um feixe de terminais dos telefones da rede interna da Escola que ficavam na parte alta da Ilha. Sem muita dificuldade, as respectivas chaves foram copiadas e o Osório fez uma furtiva e bem disfarçada ligação entre terminais que deu ao telefone do Chefe do Departamento Escolar uma conveniente extensão, estrategicamente escolhida numa sala remota do Departamento de Navegação no primeiro andar. Organizou-se assim o Grêmio Graham-Bell, sem dúvida o mais popular dos que havia na Escola naquele tempo. O pessoal das turmas de baixo, a princípio, foi mantido na mais santa ignorância da grande realização.

Por enquanto, o assunto é a Equipe de “Cantada” da nossa turma.

Pois o funcionamento ininterrupto daquele precioso telefone, desde as quatro e meia até, sei lá, dez, dez e meia da noite, logo causou certa estranheza e perplexidade. Principalmente para o Chefe do Departamento Escolar, que, de casa, dava “incertas” ligando para o telefone da sua sala: dava ocupado, ele telefonava para o Oficial de Serviço na parte parte baixa da Ilha



DO ÁLBUM DE FAMÍLIA - DECLARAÇÃO DE GUARDAS-MARINHA
Luiz Fellipe recebendo a espada do então Capitão-Tenente Rego Barros.
Abaixo, em pose clássica, acompanhado com a sua família e a noiva, à sua esquerda





DO ÁLBUM DE FAMÍLIA – OS MENEZES MAGALHÃES

↑ Major-Aviador Honório, Capitão-Tenente Gualter, Primeiro-Tenente Luiz Felipe e o formando Guarda-Marinha Hélio

↓ Capitão-Tenente Luiz Felipe junto com o Ministro da Marinha Almirante Guillobel e o Presidente da República Café Filho



para ir lá correndo para flagrar o invasor e – nada, a sala deserta.

Aí aparece o Tenente Duque Guimarães, que estava meio incomodado com distúrbios que estavam acontecendo na central de telefones da Ilha, que era a sua incumbência na Administração. Uma noitinha, estando de serviço e notando as anomalias, ele foi lá para o Departamento Escolar para investigar.

Quando ele apareceu lá em cima no Pátio Saldanha, dirigindo-se ao tal ponto em que as caixas de terminais eram contínuas, a turma, que vigiava das janelas dos corredores de camarotes, se alvoroçou.

Foram correndo chamar o Dylo e o Felipe para salvar a situação.

Lá foram eles, armados com as fisio-nomias mais sérias e persuasivas do seu repertório, a parlamentar com o perigoso defensor da legalidade escolar. Quando chegaram, ele já tinha descoberto a ligação. Então puxaram da memória todos os truques de “cantada” que tinham aprendido a dominar. Falaram, falaram, falaram. No fim persuadiram. A tal ponto que o Tenente Duque até ensinou a fazer a ligação de um jeito que não causasse distúrbios à sua Central Telefônica.

A cena se repetiu um pouco mais tarde quando apareceu – desta vez à tarde, mais difícil para parlamentar – um técnico da Telefônica para investigar o enigma do telefone permanentemente ocupado numa inócua sala vazia.

O efeito, que importa, foi o mesmo. O técnico não dedurou o Grêmio.

Até hoje tento imaginar a explicação altamente técnica que ele deve ter dado a quem encomendou a diligência para o

misterioso fenômeno (que não se manifestava uma vez por semana, quando o Chefe do Departamento Escolar na Escola de pernoite).

Acho que essa foi a maior façanha da nossa eficiente Equipe de “cantada”.

Mas houve outras, muitas outras, principalmente dirigidas a matérias em que a turma ficou pendurada durante as agruras da compressão adiabática 3ª – 4ª ano mencionada acima. Houve alguns professores que aliviaram a barra – ou levados pelos bem articulados argumentos da Equipe de “cantada” ou porque seria mesmo a coisa sensata a fazer, nas circunstâncias.

O Felipe merece que lhe escrevam a biografia completa com uma antologia dos

O Felipe merece que lhe escrevam a biografia completa com uma antologia dos seus versos candentes e suas músicas retumbantes

seus versos candentes e suas músicas retumbantes. Sem esquecer da máxima irreverente que deixou para a posteridade naval – “A Marinha do Brasil é um colosso, especialmente na hora do pequeno almoço”.

Não me proponho

fazê-lo, porém.

Talvez o Dylo se habilite?

* * *

Luiz Felipe Menezes de Magalhães não foi um militar nem um oficial de Marinha convencional.

Entretanto, foi um grande marinheiro, um perdidamente apaixonado pela Marinha, um seu divulgador sem competidor, a quem todos nós devemos uma pausa para meditarmos sobre sua obra e reconhecê-lo como um nome a ser lembrando entre os grandes de nossa Força.

Cada um em seu estilo...

ANEXO

RODANDO PELO MUNDO

OSWALDO BANDEIRA
E
LUIZ FELIPE

PARA A BOITE NIGHT AND DAY

ESTÁ COPIA PERTENCE AO ARQUIVO
S. B. A. T.

RODARDO PRIO EVMPC

OSVALDO BANDEIRA
LUIZ FRAZIN

POSA A NOITE NUNCA OU DAT

ESTA COPIA PERTENCE AO ARQUIVO
S. B. A. T.

PROLOGO

RITMO DA ALMEIDA

A OQUINTEZA AFAGA VINDANTA. SUCESSO EM TOCOS DE LADON, NOÇAS GAL TAJDO.

NOÇAS

Fala noiva ideal de alegrar
O vasso coração
Night and Day passa e apresentar
Fantasia, romance e emoção
Mô muito, meus amigos
Tanta tocha cantando cantar
Festa Augusta Rainha Alegria
Rejateado de um reino sem par
Salve a Augusta Rainha Alegria
Sempre a vir, a dançar e a cantar
E dia de festa
De lua e de sol
Salve a vida
Que é bela e querida

ESTÁ COPIA PERTENCE AO ARQUIVO

LOOYON

(EMERENDO) Sauboras e sauboras, muito bô muito!

TODAS

Olhe oia eí! Olhe oia eí!

AMERICANA

(EM INGLÊS) Na momento, please! Quem é a estrela deste show?
O senhor disse que seria eu, e estou vendo outras pessoas ali.
Quem é bom não se misture, certo? Eu sou a Rita Hayworth de New
Orleans...

LOOYON

Não se amove... Mas não se amove!!! Não querêdo que eu
pense no teu caso em singela...

ALMEI

(EM ALMEI) Que é que há, amor? O senhor disse que a estrela
eu é!

LOOYON

Olha duas choruto...Falta logo p'ra seu lugar...

ESPANHOLA

(EM ESPANHOLA) Opa! O senhor disse que eu era a estrela de
sempre fui estrela! Eu sou a Frances Papi de México!

LOOYON

Ah! Dêta é de México!

ESPANHOLA

(EM ESPANHOLA) Ela, amor não! Eu sou La México!

LOOYON

Não arrua a México e dá a fira!

Eu tinha escrito no visto

Meja estratante eu só quero

Que a bolinha guinda

Tô ali dentro do zero

Boleto tá me tencoro

Boleto tá de emergir

O primeiro é o rei de corte

O segundo é o rei de amor

ORQUESTRA

CONTINUA EM JACK BROWN

VIRGÍLIA

(FALA) Eu sou a roleta...Jogo sempre aberto p'ra quem quiser
jogar...Já sou que fui fechada, mas é horrível...eu continuei
tocando...Quem quer tentar a sorte?...tô no palpite, meu senhor!
Ahh Quer a sorte...não tá! Não sei a que é que há, mas a sorte é um
que almanac mais precorrido...O senhor quer a vista e quanto? Olha
lá...Ja tarada nois em lioussina proteo...

Ja. FANIE

Pula, pula, pula,

Dei a bolinha

Eu sou preto

Gira, gira, gira

Indiferente

Sizo e roleta

Me jogar que eu entrego

Me disse sexta sorte tua

Nicho querida roleta

Quero que se tá se tiro

Boleto tá minha vida

Boleto tá minha morte

O segundo é o rei de amor

O primeiro é o rei de corte

VIRGÍLIA

(FALA) E o se tir. sevallheiro...não quer tentar a sorte? Vou...
Joga a bolinha...de vesse sorte...Eu sou a roleta Brasileira
éshetro para quem tá sorte omigo...Olha...trata de aproveitar
enquanto seten aliaporta a jogar...Mais ninguém...Já tá se fechando

ORQUESTRA

CLARINETAS E SOCO AFAGA "DÔU A RAINEA"

VIRGÍLIA

Sou a Rainha de Alegria

E o Zrazar é o meu senhor

Tive no Reino de Fantasia

Sou a Rainha de Amor!

Eu sou retabida não he tristoso

Tudo é luz e Deslumbramento

E se ofiroa sem cortoso

O que eu quero é serticando (FALA) Sevallheiro...O senhor ali...

"E o senhor mesmo...Já sou presidente de um Rei...O tanto Vela,

tu e Dama...Já sou de copos...Já sou de copos...violetas de

ouro...violetas de ouro...e como são para fazer violetas...O se,

ador não se belilite no meu retabido!

ORQUESTRA

Dr. FANIE DE "DÔU A RAINEA"

VIRGÍLIA

(GOMA) "stou presidente de um rei boi forte

Mô p'ra mim não momento

Fala no rei p'ra esta rainha

Tal querer é serticando

(FALA) E você senhalho? Não está presidente de uma rainha? Não

está... Você parece muito...Di quiser eu sou esta alição eu

dela tempo...Jrotao-se de um rei p'ra tomar conta desta Rainha

Nicho, eu vou senhor no presente por ali...Já sou tudo no meu Rei,

quer dizer...quest tudo...Já sou a morte, a vida, o zero e o

senhor e tal... Não não dárei momento no tiro... e pretendo

não permite...Eu por mim não negorio nada...Até iria p'ra tua

mãe...mas não tá possível...O tiro é de amor...e resto

eu sou...Já sou...Já sou... (COM QUE CONTINUA DA FALA,

TAI NITA POR ALONN)...Já sou...Alagatai Nisest Poeta...sta, por

que eu sou a rainha de amor!!!

VIRGÍLIA

(GOMA) Sou a Rainha de Alegria

E o Zrazar é o meu senhor

Tive no Reino de Fantasia

Sou a Rainha de Amor (FALA TOCOS)

PRÓLOGO

REINO DA ALEGRIA

A ORQUESTRA ATACA VIBRANTE. SURGEM DE TODOS OS LADOS MOÇAS CANTANDO.

MOÇAS

Pelo nobre ideal de alegrar
O vosso coração
Night and day passa a apresentar
Fantasia, romance e emoção!
Bôa noite, meus amigos
Vamos todos cantando saudar
Nossa Augusta Rainha Alegria
Majestade de um reino sem par
Salve! Augusta Rainha Alegria
Sempre a rir, e dançar e a cantar
É dia de festa
De luz e de côr
Salve a vida)
Que é bela e querida) BIS
Hoje é dia de amôr)

LOCUTOR

(ENTRANDO) Senhoras e senhores, muito bôa noite!

TODAS

Olha ele aí! Olha ele aí!

AMERICANA

(EM INGLÊS) Um momento, *please!* Quem é a estrela dêste show?
O senhor disse que seria eu, e estou vendo outras pequenas aí.
Quem é bom não se mistura, ouviu? Eu sou a Rita Hatworth de
Massachussets...

LOCUTOR

Então me amassa... Mas não me chutes!!! Fica quietinha que eu vou
pensar no teu caso com simpatia...

ALEMÃ

(EM ALEMÃO) Que é que há, amor? O senhor disse que a estrela
era eu!

LOCUTOR

Calma dona Chucrut... Volte logo p'ro seu lugar...

ESPAÑHOLA

(EM ESPAÑHOL) Ouça! O senhor disse que eu era a estrela do
Show? Eu sempre fui estrela! Eu sou a famosa Pepita de Málaga!

LOCUTOR

Ah! Usted é de Málaga!

ESPAÑHOLA

(EM ESPAÑHOLA) Sim, como não! Eu sou de Málaga!

LOCUTOR Então arruma a málgaga e dá o fóra!

* * *

ORQUESTRA CLARINADAS E LOGO ATACA "SOU A RAINHA"

(Pág. 3)

VIRGINIA Sou a Rainha da Alegria
E o Prazer é o meu senhor
Vivo no Reino da Fantasia
Sou a Rainha do Amôr!

No meu reinado não há tristeza
Tudo é luz! Deslumbramento
E eu afirmo com certeza
O que eu quero é movimento (FALA) Cavalheiro... O senhor aí... É o
senhor mesmo... Estou precisando de um Rei... Já tenho Valetes e
Damas... damas de copas... damas de espadas... valetes de ouro...
valestes de paus... e como são paus êsses valetes... O senhor não
se habilita no meu reinado?

ORQUESTRA 2ª PARTE DE "SOU A RAINHA"

VIRGINIA (CANTA) Estou precisando de um rei bem forte
Só p'ra mim neste momento
Pois um rei p'ra esta rainha
Vai querer é movimento

(FALA) E você neuinho? Não está precisando de uma rainha?
Está sim... Você parece aflito... Si quiser eu curo esta aflição em dois
tempos... Precisa-se de um rei p'ra tomar conta desta Rainha. Sinão,
eu vou acabar me perdendo por aí... Darei tudo ao meu Rei... quer
dizer... quase tudo... Darei o manto, a corôa, o cetro e o etoetro e tal...
Só não darei assento no trono... o protocolo não permite... Eu por
mim não negaria nada... até iria "p'ro teu colo"... mas isso não é
possível... O trono é só meu... o resto eu dou... Abraços... Beijos...
e... (COMO QUEM COMPLETA UMA PALAVRA DITA POR
ALGUÉM)... também... Alegria! Risos! Festa... sim, porque eu sou a
rainha do amôr!!!

VIRGINIA (CANTA) Sou a Rainha da Alegria
E o Prazer é o meu senhor
Vivo no Reino da Fantasia
Sou a Rainha do Amor (SAEM TODOS)

* * *

(Pág. 11)

Eu tinha sorte no vinte
Hoje entretanto eu só quero
Que a bolinha pulando
Vá cair dentro do zero

Roleta és meu tesouro
Roleta és de amargar
O primeiro é o rei da sorte
O segundo é o rei do azar

ORQUESTRA

CONTINUA EM BACK GROUND

VIRGINIA

(FALA) Eu sou a roleta... Estou sempre aberta p'ra quem quiser jogar... Dizem que fui fechada, mas é conversa... eu continuo funcionando... Quem quer tentar a sorte? ... Dê um palpite, meu senhor. Ah! Quer o zero... não é? Não sei o que ;e que há, mas o zero é um dos números mais procurados... O senhor quer o vinte e quatro? Olhe lá... As taradas andam em limousines pretas...

1ª PARTE

Pula, pula, pula,
Cai a bolinha
Na casa preta
Gira, gira, gira
Indiferente
Gira a roleta
Um jogador que eu conheço
Me disse assim certa vez
Minha querida roleta
Quero que me dês os tres
Roleta és minha vida
Roleta és minha morte
O segundo é o rei do azar
O primeiro é o rei da sorte

VIRGINIA

(FALA) E o senhor, cavalheiro... não quer tentar a sorte? Vamos... Jogue a bolinha... às vezes acerta... Eu sou a roleta! Distribuo dinheiro para quem dá sorte comigo... Olhe... tratem de aproveitar enquanto estou disposta a jogar... Mais ninguém... Bois então fechei.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<NOMES> / Magalhães, Luiz Felipe Menezes de /

COLÉGIO NAVAL, 50 ANOS DE ENSINO DE EXCELÊNCIA
(RMB 1ºtrim/2001, pág. 28)

ANEXO B

RELAÇÃO DOS PRIMEIROS PROFESSORES DO COLÉGIO NAVAL – 1951-52

PORTUGUÊS

Professor JOSÉ FRANÇA SANTOS
Professor ANTÔNIO JOSÉ NOVAES JORDÃO
Professor JAIR NATALINO ESPÍNDOLA TRAVASSOS

ESPAÑHOL

Professor DINAMÉRICO PEREIRA POMBO

FRANCÊS

Professor JOSÉ EDISON PEREIRA

INGLÊS

Professor JOSÉ OSCAR LOPES
Professor HANS KARL VAZ GIESE

MATEMÁTICA

Professor MANOEL JAIRO BEZERRA
Professor LUIZ PEREIRA LIMA
Professor HENRIQUE RODRIGUES DE FIGUEIREDO
Professor ALBERTO NUNES SERRÃO

FÍSICA

Professor HÉLIO DA ROCHA PITTA
Professor SPENCER DALTRO DE MIRANDA

QUÍMICA

Professor RENATO GARCIA DE FREITAS
Professor CARLOS ALBERTO COELHO COSTA

FILOSOFIA

Professor JOÃO DE OLIVEIRA

DESENHO

Professor HENRIQUE DE OLIVEIRA DINIZ
Professor OVÍDIO CLÁUDIO DA SILVA JÚNIOR

HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL

Professor RAIMUNDO ABELARDO DE ARAÚJO

HISTÓRIA NATURAL

Professor NOVELI

GEOGRAFIA

Professor GILBERTO ALVES DA SILVA